

Clarice Lispector e Susan Sontag: furtos e abusos



Por **GUILHERME MAZZAFERA***

Comentário sobre duas biografias escritas pelo norte-americano Benjamin Moser

Assim como muitos, li *Clarice*, – a biografia que leva o nome de Benjamin Moser – com certo deleite e curiosidade. Creio que foi por volta de 2017, após tê-la comprado em uma das diversas promoções da finada Cosacnaify. Desconhecendo os importantes trabalhos precedentes de Nádia Gotlib (*Clarice, uma vida que se conta*, Ática, 1995) e Teresa Montero (*Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector*, Rocco, 1999), aprendi muitas coisas e apreciei sua estrutura e pendor narrativo. Em uma breve pesquisa, no entanto, as animosidades entre Moser e Gotlib ficaram evidentes, em vídeo e por escrito. Num primeiro momento, não levei a coisa muito a sério, entendendo o fato como um ranço natural, colonialista quase, de uma pesquisadora brasileira diante de alguém que faz (tardiamente) um trabalho semelhante ao seu com repercussão muito mais ampla simplesmente por tê-lo feito em inglês.

Mas, ainda longe de descobrir o furto estrutural e de diversas intuições presentes no estudo de Gotlib levado a cabo por Moser, entendi que o centro do atrito entre os biógrafos parecia residir na afirmação feita por Moser de que a mãe de Clarice havia sido estuprada por soldados soviéticos durante os pogroms na Ucrânia e contraído sífilis nesta situação. Para Nádia e diversos resenhistas, no Brasil e fora dele, trata-se de puro achismo sensacionalista, sem provas que o sustentem. E o criminoso sempre volta à cena do crime, como veremos. É claro que todo biógrafo inevitavelmente ficcionaliza a vida de seu biografado, produzindo uma versão possível, eminentemente pessoal, mas espera-se que este gesto imaginativo esteja antes na amarração dos fatos, no rendilhar do retrato, do que na invenção de fatos *tout court*.

A resenha de Benjamin Abdala Junior dirime quaisquer dúvidas quanto ao transplante não diretamente nomeado de cenas, trechos literários, imagens (metafóricas e fotográficas), subtítulos, enfim, de todo o esqueleto e boa parte dos órgãos vitais do estudo de Gotlib para a biografia de Moser. Pensada para o público norte-americano, carente de outras biografias da autora e sem acesso ao livro de Gotlib, tais aspectos certamente passam batido. Abdala observa que o tênue diferencial do livro de Moser estaria no escavar da “tradição histórica judaica que provocou a saga dos movimentos migratórios, incluindo os da família Lispector”, o que não raro resvala em uma leitura dogmática da ficção clariciana pelo filtro judaico. Como um todo, portanto, tem-se “um vasto repertório de informações de interesse”, entremeado, no entanto, por “argumentos discutíveis, expostos num fluxo de linguagem sedutor e envolvente”.

Em agosto de 2019, no entanto, deparei-me, no *Los Angeles Review of Books*, com “Benjamin Moser e a menor mulher do mundo”, brilhante e corajoso ensaio de Magdalena Edwards, uma das tradutoras para o inglês das novas edições de Clarice no âmbito do projeto New Directions, capitaneado por Moser. É uma leitura estarrecedora. O ensaio de Edwards (que não parafraseio a fundo aqui porque o mesmo merece ser lido de forma integral) documenta passo a passo a sequência de iniquidades editoriais por ela enfrentadas a partir do momento que aceitou o convite de Moser para traduzir *O lustre*.

Aparentemente, Moser entende que se alguém reescreve/prepara/revisa (a distinção não é clara) determinado texto, pode arrogar-se direitos de autoria ou, no mínimo, de tradução. Ao que tudo indica, alegando que Edwards produzira um

trabalho abaixo do esperado – sem falar nas tentativas de demiti-la –, passou a editar seu arquivo de tradução e, mais tarde, quando o livro foi publicado, creditou Edwards como cotradutora, ao lado de si mesmo, Moser, cujo nome naturalmente aparece primeiro.

Poder-se-ia pensar que Moser é apenas alguém excessivamente zeloso pelo trabalho editorial que exerce – e que, é claro, não gosta de categorias mesquinhas como “revisão de tradução” –, mas Edwards elenca várias outras ocorrências que deixam claro a natureza machista, autoritária, egocêntrica e essencialmente plagiária da figura. Entre vários exemplos, Moser não só furtou sem *mea culpa* uma belíssima imagem presente no prefácio de Katrina Dodson (as vírgulas de Clarice como cabelos na sopa do leitor), a tradutora de *Complete Stories*, como excluiu Dodson dos eventos de lançamento do livro.

Tendo conhecimento de tudo isso, me pareceu um acintoso disparate o anúncio da Companhia das Letras, feito meses atrás, de que publicaria a biografia de Susan Sontag escrita por Moser (indicado para a tarefa pela própria família de Sontag). Dado o histórico do biógrafo, que já lesou a comunidade acadêmica brasileira antes, a escolha soou-me – para usar um termo irônico-ominoso – antipatriótica. Mas é claro que Sontag (brilhante intelectual que foi) tem apelo, e que Moser (cada vez mais poderoso no meio editorial norte-americano) tem apelo. E é claro, também, que Companhia das Letras já não é mais tão brasileira assim.

Não li e não lerei sua biografia, mas o que as resenhas – como a da grande Janet Malcolm – parecem deixar claro é que mais uma vez a suposta grande revelação do livro carece de provas. Desta vez, Moser afirma que Sontag é de fato a autora de *Freud: The Mind of the Moralist*, livro que teria pavimentado a carreira de seu então marido, Philip Rieff, seu professor de sociologia na Universidade de Chicago com quem se casou antes dos vinte. Para Moser, o livro dialoga profundamente com diversos temas futuros da obra de Sontag e estaria muito acima do que Rieff teria escrito posteriormente, o que evidenciaria o mascaramento da autoria.

Que Sontag atuou como *ghost-writer* para Rieff em certas resenhas parece certo, mas uma coisa é reescrever/preparar/revisar um texto alheio, como parece ter sido o caso com *Freud*, outra bem diversa é concebê-lo de todo. Mas, como indica Malcolm, para Moser “todo autor que foi fortemente editado não pode mais reivindicar autoria sobre seu trabalho”.

Abstraindo o julgamento quanto à verdade da questão, a insistência de Moser na mesma é sem dúvida o ponto mais revelador de tudo que foi dito aqui. Afinal, se ele está disposto a arriscar seu pescoço de biógrafo para, mesmo sem provas cabais, defender o trabalho autoral de uma jovem e brilhante intelectual indevidamente apropriado por um marido-professor opressor, medíocre e interesseiro, sua biografia parece clamar para si o papel de uma reparação histórica louvável.

Clamor que acaba de ser referendado, pois Moser venceu o Pulitzer.

A resposta, coletiva e brilhante, não tardou: em 13 de maio de 2020, o mesmo *Los Angeles Review of Books* publicou um texto assinado por Magdalena Edwards, Nádia Gotlib, Lisa Paddock e Carl Rollyson (estes últimos, autores de *Susan Sontag: The Making of an Icon* (2000) e as mais recentes vítimas da sanha moseriana) com o título direto de “Benjamin’s Moser Pulitzer Prize for Biography is a Travesty” [O Prêmio Pulitzer de Biografia dado a Benjamin Moser é uma farsa]. Sem meias palavras, qualquer noção de reparação histórica esfacela-se diante de alguém que “repetidamente tem feito uso de seu papel como editor para roubar o crédito de mulheres por seu trabalho”.

Não deixa de ser interessante – ou melhor, perversamente *bentrovato* – o agudo desprezo de Moser pela figura de Rieff, seu duplo nem tão *absconditus* assim. Assumindo a definição da postura de Moser nesta biografia como a de “adversário intelectual do seu objeto” (Malcolm de novo), o desamor pela biografada evidenciado por mais de uma resenha do livro não parece se limitar a Susan, abrangendo outras (ou todas?) brilhantes intelectuais que lhe cruzam o caminho.

Cabe aqui o fecho do texto coletivo, que não só pede a revisão justificada do prêmio, como deixa a seguinte advertência: “Mas isto vai muito além de um prêmio literário. Trata-se de duas escritores brilhantes, Clarice Lispector e Susan Sontag, cujo legado está agora nas mãos de um homem com o terrível histórico de roubo e intimidação de suas colegas.”

O fato da biografia de Moser ter sido lançada por aqui pela mesma editora que publica os livros de Sontag (e também a atual reedição da *Clarice*, de Moser, traduzida pelo mesmo tradutor da biografia de Sontag, que não tem qualquer culpa nessa história, naturalmente) torna mais difícil separar o joio do trigo. Mas é preciso fazê-lo.

Leiam Clarice e Sontag, sempre.

Mas não Moser.

***Guilherme Mazzafera** *é doutorando em literatura brasileira na USP.*

Publicado originalmente no blog [Letras In.verso e Re.verso](#)

A Terra é Redonda